

Comunidades originárias e livros cartoneros: Ressonâncias de um trabalho escriturístico a partir de narrativas fundacionais

*Original Communities and Cartoneros Books: Resonances of
a Writing Work Based on Foundational Narratives*

Flavia Krauss

Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT) | Tangará da Serra | MT | BR
flaviakrauss@unemat.br
<http://orcid.org/0000-0002-2567-0700>

Alexandre Mariotto Botton

Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT) | Tangará da Serra | MT | BR
alexandre.botton@unemat.br
<https://orcid.org/0000-0002-2753-397X>

Resumo: Este artigo pesquisa a confecção de livros artesanais feitos a partir capas de papelão descartadas, os chamados “livros cartoneros”, prática desenvolvida por editoras cartoneras e entabula uma leitura do trabalho de coleta, transcrição e encadernação de narrativas de três comunidades originárias do Estado de Mato Grosso, com objetivo de analisar a relação entre corpo e escrita. Para nos referirmos ao território dos livros cartoneros, utilizamos os escritos de Krauss (2024) e Krauss e Llera (2023). Com as leituras de Certeau (2014), e Schierloh (2021), intentamos compreender o entrelaçamento entre o corpo e a escritura no contexto da produção de livros artesanais, a partir das narrativas fundacionais de povos indígenas mato-grossenses. Baseados em Benjamin (2012), dialogamos com o narrador da tradição oral que se torna corpo escriturístico no tecer dos livros cartoneros. Por fim, o artigo aborda o encontro da prática de produção cartonera com a escola de uma das comunidades originárias do Estado de Mato Grosso, a Escola Municipal Isolada de Educação Básica (EMIEB) de Cravari, localizada na aldeia Cravari, pertencente ao povo *Manoki*, com o desenvolvimento do projeto intitulado: “Cartonera Indígena”.

Palavras-chave: Narrativa; Corpos; Livros Cartoneros.

Abstract: This paper researches the production of artisan books made of discarded cardboard covers, known as “cartoneros books”, a practice developed by cartoneras publishers, and explores the work of gathering, transcribing and bookbinding narratives from three communities originally from the state of Mato Grosso, aiming to analyze the relationship between the body and writing. We



used the writings of Krauss (2024) and Krauss and Llera (2023) to describe the territory of cartoneros books. Using Certeau (2014) and Schierloh (2021), we tried to understand the link between the body and writing in the context of the production of artisan books, based on the founding narratives of the indigenous mato-grossense peoples. Based on Benjamin (2012), we talk about the narrator of the oral tradition who becomes a writing body in the weaving of cartoneros books. Finally, the article discusses the meeting of the practice of carton production with the school of one of the original communities of the state of Mato Grosso, the Escola Municipal Isolada de Educação Básica (EMIEB) de Cravari, situated in the Cravari village, owned by the Manoki people, with the development of the project entitled: “*Indigenous Cartonera*”.

Keywords: Narrative; Bodies; Cartonero Books.

1 Considerações iniciais

A edição artesanal é a publicação dos textos com os corpos¹

Eric Schierloh.
Tradução nossa.

Prontificando-nos a costurar uma contribuição para um dossiê intitulado: “*Territórios indivisíveis: corpo, escrita e política no Brasil e na América hispânica*”, gostaríamos de abordar alguns aspectos e filigranas do trabalho de coleta e transcrição de narrativas, bem como de sua encadernação em formato artesanal tendo, como base, capas feitas com papelão reaproveitado – realizado com três comunidades originárias as quais povoam territórios do Estado de Mato Grosso, Brasil.

Fazer livros com capa de papelão é uma prática-tática¹ que tem despertado a nossa atenção e interesse há mais quinze anos. Nos aproximamos, em 2010, das editoras cartoneras por um maravilhamento que se transformou em interesse acadêmico-científico: para além

¹ Aqui, neste jogo de palavras, fazemos alusão ao conceito de tática desenvolvido por Certeau (2014). O que faz o historiador é distinguir tática de estratégia: a estratégia compreenderia um plano globalizador que desenvolveria frentes de ações calculadas e convergentes a um propósito comum. Já a tática seria uma: “[...] ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio” (Certeau, 2014, p. 100). A ausência de um lugar característico dos sujeitos excluídos, lhe dariam uma grande mobilidade, o que impediria sua localização e a circunscrição de tais elementos subversivos. Assim, conseguiriam: “[...] estar onde ninguém espera. É astúcia. Em sua, a tática é a arte do fraco” (Certeau, 2014, p. 101). É Pimentel (2021) quem enunciará que: “O movimento das editoras cartoneras é uma tática do fraco” (Pimentel, 2021, p. 3).

de concordarmos com Ruiz (2022) ao enunciar que as editoras cartoneras são uma das iniciativas mais revolucionárias dos últimos tempos no campo editorial, entendíamos que esse tipo de iniciativa poderia ser um diferencial na formação de professores (Fanjul, 2016), dado o gesto de profanação do objeto ‘livro’ pressuposto em seu fazer, muitas vezes percebido, ainda, enquanto pertencente ao campo do sagrado (Krauss, 2024). Esse interesse teórico começou a invadir a nossa prática enquanto sujeito docente e, atualmente, as duas facetas de nossa prática, como professores e pesquisadores, se encontram conjugadas, de modo que o que faremos, neste artigo, se baseia em uma análise da própria experiência que temos levado a cabo a partir de uma prática de confecção de livros com capa de papelão.²

Se Certeau (2014) argumentava que os livros também podem ser lidos enquanto metáforas aos corpos, trazemos a citação de Schierloh (2021), posta em nossa epígrafe – e, aqui, começamos a costurar nosso diálogo com o dossiê em questão, que trata de analisar a relação entre corpo, escrita e política no Brasil e na América hispânica –, porque entendemos e vivenciamos que a relação entre livros artesanais e corpos ultrapassaria essa dimensão metafórica proposta por Certeau (2014): os livros, no caso dos que são analisados em nossa experiência e comentados neste artigo, feitos com papelão pelas próprias mãos, deixam de ser *como* os corpos e são feitos *com* e *a partir* dos corpos, de modo que o corpo acaba sendo entendido como a matéria-prima com a qual se fabrica o objeto ‘livro’.

Em “*A queda do céu*”, o xamã yanomami Davi Kopenawa já havia explorado a metáfora pele-papel e havia denominado as folhas dos livros com o nome de “peles de papel” (Kopenawa e Alberti, 2015). Naquela ocasião, dita metáfora, havia sido construída para designar a relação que os homens brancos guardam com seus livros e, ao redor dessa metáfora, existia um efeito de sentido disfórico, já que era com um certo desprezo que o xamã descrevia essa relação dos homens com a palavra escrita, por acreditar que existiria uma dependência negativa.

Se aqui retomamos, dita metáfora, é para positivá-la e trabalhá-la em um sentido eufórico já que somos partidários de que a palavra escrita, em muitos âmbitos, pode não só ser benéfica, mas, sobretudo, transformadora, para o sujeito que com ela estabelece contato. Desse modo, com essa matéria-prima constituída pela palavra escrita, entendemos que seja possível gerar e regenerar a pele que se tem. Assim, partimos do pressuposto que o fazer livresco cartonero, ou seja, a arte de confecção livresca com capa de papelão, deva ser entendida enquanto uma *escrita cartonera* (Krauss; Llera, 2023).

O conceito de *escrita cartonera* teria, como ponto inicial, o conceito de escritura aumentada de Schierloh (2021). Segundo as ponderações de Schierloh (2021), a escritura aumentada se relacionaria com uma modalidade de escrita na qual o escritor se envolve, também, em

² De fato, a ação aqui analisada se relaciona a um trabalho que existe desde 2017 denominado “Curupira Cartonera”, uma espécie de protoeditora que funciona como um projeto de extensão da Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat) e que publica livros artesanais, com capas de papelão, nos moldes iniciados por Eloísa Cartonera, em Buenos Aires desde 2003 (Krauss, 2016). Entendemos que essas iniciativas fundam um agenciamento coletivo da enunciação (Deleuze; Guattari, 2010) no qual os modos de confecção livresca podem chegar a sobre determinar o que será escrito. Na esteira do raciocínio lançado por Krauss (2024), entendemos que os livros cartoneros representam um devir editorial latino-americano. Ainda que Krauss (2024) assuma, em seu trabalho, que a expressão “latino-americano” permanece como uma incógnita, aqui trabalhamos com a hipótese de que, ainda que não possamos definir o latino-americano como uma categoria, (Canclini, 2012), podemos conjecturar que o livro cartonero representa um encontro (Althusser, 2005) que pega, nessa porção do sistema -mundo, seja pelo número de coletivos que se identificaram com essa proposta e multiplicaram o número de editoras, seja pelo envolvimento que notamos em cada uma das oficinas que participamos.

aspectos estruturais e estratégicos necessários à aparição do livro. Com base neste conceito, Krauss e Llera (2023) entendem que, a partir dessa escrita se pode forjar um entramado comunitário que ultrapassa barreiras nacionais, de modo que conjuga escrita, corpo e política.

De fato, se estamos trabalhando com o conceito de *escrita cartonera* é porque entendemos que a rede de editoras desta modalidade que se forjou na América Latina, em muito, é resultado dessa escrita que, apoiada em um trabalho realizado pela própria escrita (Riolfi, 2003), opera através dos corpos que as sustentam, mas, sobretudo, para além desses corpos. Na noção de trabalho de escrita, Riolfi (2003) atua com o pressuposto básico de que a escrita trabalha, também, de modo autônomo com relação ao sujeito que escreve: ou seja, é um conceito que parte do pressuposto de que aquele que escreve é escrito, também, por aquilo de que se está escrevendo.

Gostaríamos de ressaltar que aqui, neste artigo, o conceito de corpo com o qual trabalhamos está lapidado desde uma perspectiva psicanalítica que não o entende enquanto um amontoado de carnes e fluídos em funcionamento (Deleuze; Guattari, 2010), mas sim, enquanto uma orquestra energética, um órgão pulsional que se movimenta e se conecta com outros corpos e materiais e é capaz, com efeito, de se envolver *em* e se envolver *com*, gerando trabalhos e processos, colocando outros corpos, também, em constante movimento. Esta é uma concepção de *corpo aumentado*, entendido, sobretudo, fundamentado nas considerações de Dolto (2008), bastante profícua para entendermos, tanto a conformação de coletivos, entendidos desde esta perspectiva como um corpo simbólico, quanto os modos pelos quais um livro artesanal é feito *com e a partir* dos corpos.

Se, de um lado, pontuamos que a edição artesanal implica em uma entrada do corpo na cena da enunciação livreseca, de outro, sinalizamos que, novamente, Certeau (2014) nos chama a atenção ao fato de que os resíduos, restos e sobras da produção industrial, são capazes de congregar pessoas as quais acabam por se sentirem convocadas em uma empreitada anticapitalista, no sentido de que possibilitam o resgate de técnicas arcaicas, tanto de produção, quanto de vinculação, o que, em nossa perspectiva, muito dialoga com o trabalho convocado pelas editoras cartoneras.

Nesse movimento entendemos que, de um lado, o papelão e a matéria-prima utilizados à confecção de livros, incitam a uma certa ação criativa que resgata tecnologias já esquecidas de trabalho, técnicas artesanais e, de outro, a partir do que fora construído por Krauss e Llera (2023), entendemos que esse trabalho, que implica na entrada de um corpo em cena, pelas noções de *escrita cartonera*, *escritura aumentada* e *trabalho de escrita*, neste artigo evocadas, ultrapassaria esse próprio corpo na construção de uma rede, justamente, uma rede de editoras (Krauss, 2016). Este *colocar o corpo em cena* é o que, em nossa interpretação e no caso da confecção livreseca desta modalidade, geraria tamanha energia e entusiasmo em seu trabalho.

Estruturados a partir deste contexto, primeiramente, apresentamos a tecnologia de encadernação cartonera, entendendo o movimento das editoras desta modalidade enquanto uma rede dentro da qual inserimos nosso trabalho pontual com comunidades originárias, para logo apresentar o lugar desde o qual enunciamos e tecemos as nossas reflexões e, posteriormente, apresentamos a experiência propriamente dita, já entendida a partir de uma reflexão teórico-científica.

2 Livros de papelão: que tecnologia é essa?

A produção editorial do livro cartonero, tem início com Eloísa Cartonera, prática a qual completa vinte e dois anos em agosto de 2025, sendo fundada em Buenos Aires, na Argentina. Este projeto editorial surge em um momento de crise, inicialmente para fazer alguns poucos livros, mas acabou convocando a uma fila identificatória que forjou a existência de mais de trezentos coletivos, os quais se entendem enquanto uma rede editorial, já que periodicamente organizam encontros internacionais (de fato, o último aconteceu em Piracicaba, entre 23 e 26 de maio de 2024 e já possui próxima data de encontro), se conversam e se festejam frequentemente em distintas redes sociais, com bastante frequência organizam lançamentos conjuntos e mencionam-se nos distintos elementos paratextuais de suas publicações (Krauss, 2016).

Eloísa Cartonera, a primeira editora da fila identificatória, produz livros feitos a partir de capas de papelão. Mas, não somente isso. Tais livros são feitos pelas próprias mãos dos cooperados que conformam o projeto editorial. São artesanais e obedecem a uma metodologia extremamente simples de confecção, possibilitando que quaisquer pessoas, inclusive, com poucas habilidades manuais, sejam capazes de construírem um livro nesse formato. Tal produção, em nossa perspectiva, pode ser interpretada como um devir editorial latino-americano que inclui, tanto o Brasil em uma comunidade ampliada e historicamente rejeitada pelos habitantes de porção do sistema-mundo, quanto o corpo de quem escreve esses ditos livros em um sistema de produção escriturística e que, historicamente recalcou, também, dito corpo. Pensando no nó-borromeano (Lacan, 2005) que sustenta este dossier, a saber: *corpo, escrita e política*, reconhecemos que a grandeza do trabalho pontual realizado pelas editoras cartoneras, seja forjar um sistema escriturístico que faz com que o corpo volte à cena enunciativa.

De acordo com a hipótese de Pommier (1996), cada criança, ao adquirir a língua escrita, teria que necessariamente refazer todo o caminho feito pela humanidade à invenção da escrita, caminho o qual é feito de apagamentos. A partir desse pressuposto e seguindo a linha de raciocínio de Pommier (1996), a aparição da escrita alfabética somente se daria para cada sujeito quando ele fosse capaz de recalcar o seu próprio corpo, já que a entrada nesse mundo de convenções e arbitrariedades somente se faz possível em um patamar mais abstrato, em que o valor icônico da palavra é deixado de lado. Como podemos testemunhar, não é sem angústia que se experencia esse processo. Entendemos que essa angústia sobrepassa a todas as culturas, mas possui as suas peculiaridades e intensidades no nosso histórico de violenta colonização.

Na esteira das balizas de pensamento apresentadas até o presente momento, neste artigo, descrevemos e analisamos os modos pelos quais três distintas comunidades originárias se relacionam com o objeto livro artesanal/cartonero. Por isso falamos, a partir de agora, sobre a produção de livros feita com materiais descartados e as representações que orbitam em sua esfera. Desde seu início, em 2003, a produção destes livros esteve ligada ao trabalho com os rejeitos de um capitalismo em vertical e potencial crise. O papelão reaproveitado das caixas utilizadas para o transporte de mercadorias e uma impressora comum são a base de uma editora cartonera.

Entendemos, tanto o trabalho do catador de papel, quanto o ofício editorial como uma forma de resistência, pois ao resgatar objetos e memórias do esquecimento, ambos desafiam a lógica capitalista que tende a desumanizar e descartar objetos e sujeitos. Benjamim (2012) sugere que a memória não é uma simples reconstrução do passado, mas sim, uma prática ativa que envolve a incorporação e a interpretação dos vestígios deixados pela história. Nesse

sentido, a ressignificação de objetos descartados não apenas garante a sua sobrevivência, mas se torna agente, também, de uma memória corpórea que tem a capacidade de desafiar a lógica da mercantilização que permeia a vida contemporânea.

3 Sobre lugares de fala e desterritorializações

Entendendo o conceito de lugar de fala desde uma perspectiva geográfica que, por sua vez, desembocará em uma posição simbólica –, para valermos-nos dos conceitos de lugar e posição desenvolvidos por Pêcheux (2016), fazemos uma breve descrição da porção sistema-mundo dentro da qual desenvolvemos nosso trabalho. Habitamos um lugar genericamente conhecido como: “novas fronteiras agrícolas”, conforme descrito por Custódio (2014) e entendemos que ditas novas fronteiras agrícolas, na década de 1970, acabaram por encontrar um novo “Novo Mundo” dentro do que já havia sido se cristalizado sob o nome próprio de Brasil.

Falamos, justamente, desde dentro desse “Novo Mundo”. Fazemos notar, neste início de reflexão que, historicamente, nessa porção do mundo não há uma identificação com os sentidos propostos pelas formações discursivas e ideológicas que primam por um sentido de latinoamericanidade e que reverberam em cristalizações e frases feitas como “Pátria grande americana”. Discursivamente, há uma tendência à identificação como se fôssemos separados do restante da América Latina, fazendo valer imaginariamente os efeitos da metáfora “Ilha-Brasil” (Krauss, 2021), conforme descrito por Rodrigues (2012), sem relações e/ou continuidades, quer sejam históricas, quer sejam atávicas, com a porção do sistema-mundo que chamamos de América Latina.

De fato, Rodrigues (2012) defende a hipótese de que o Brasil sempre foi percebido enquanto uma ilha: inclusive seu nome, Brasil, figurava na cartografia medieval, como uma ilha fantasma, a qual aparecia e desaparecia, perto do que hoje conhecemos como Irlanda. Em suas pesquisas, Rodrigues (2012) pode comprovar, também, que até o século XVIII, o nosso país, inclusive, era representado como uma ilha nos mapas encontrados. Ainda na atualidade, há efeitos desse pré-construído, tanto nos discursos, ao nos entendermos como uma ilha que fala português rodeados de países que falam espanhol, quanto em uma prática cotidiana que invisibiliza o mais além da fronteira cultural Mato Grosso-Bolívia. Assim, por lidarmos constantemente com os efeitos acerca desse pré-construído, em nossas relações cotidianas, no Estado do Mato Grosso, apostamos, a partir de Krauss (2021), na:

[...] capacidade presente da literatura, aqui entendida como um dom [...] de sensibilizar e, desse modo, tocar o corpo de quem a recebe, impulsionando assim a certo embrandecimento de algo da ordem do gozo fálico (Lacan, 1985) que se expressa na ordem das leis, línguas e limites, tanto geográficos como subjetivos (Krauss, 2021, p. 76).

Nessa reflexão, trabalhamos a partir de um deslocamento da noção de literatura, já que entendemos o fazer livresco desenvolvido pelas editoras cartoneras como sendo da ordem do literário, mesmo que feito sem palavras. Partimos dos dizeres de Cândido (1988), o qual define o conceito de literatura a partir de um deslocamento da noção de mito, em que:

Alterando um conceito de Otto Rank sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo, assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (Candido, 1988, p.177).

A partir desse entendimento, gostaríamos de deslocar, também, a definição trazida por Candido (1988) e estendê-la às fabulações que se dão na esfera dos trabalhos manuais de confecção livresca cartonera, por partimos de uma noção de “escritura aumentada” (Schierloh, 2021) entendemos que neste trabalho coletivo existe, também, um processo de regulação de comunidades, como descrito nas palavras de Mantilla em live postada no youtube e ressaltado por Krauss; Llera (2023), como sendo da ordem do terapêutico:

Este espaço terapêutico do papelão, das editoras cartoneras... efetivamente existe não somente uma terapia em termos individuais na qual eu possa desenvolver para recuperar minha sanidade mental e individual, mas sim que a terapia principal das editoras cartoneras é sanar uma maneira de desenvolver vínculos entre pessoas, estabelecer uma forma diferente do produto, do material, dos laços, e isto também é terapêutico, este é um espaço de terapia social que nos permite mostrar uma maneira distinta (não nova, antiga, mas recuperada) de nos vincular no espaço social e isso é muito bonito.³ (Mantilla *apud* Krauss; Llera, 2023, p. 15. Tradução nossa).⁴

Desse modo, se Candido (1988, p. 182) aponta para o fato de que dois dos principais efeitos do trabalho com o literário seja a humanização e enriquecimento dos sujeitos que com ela estabelecem contato, defendemos a premissa de que essa humanização apareça nas palavras de Mantilla como uma “terapia social” que nos permite resgatar modos antigos de aproximação à alteridade e vinculação com o *outro*.

4 As cartoneras em comunidade

Se estamos entendendo que a prática de produção livresco-literária cartonera nos permite resgatar modos antigos de aproximação à alteridade e à vinculação com o *outro*, a partir de agora nos propomos em narrar o encontro dessa prática com a escola de uma das comunidades originárias do Estado do Mato Grosso, com a qual trabalhamos no projeto “Cartonera Indígena”.⁵

³ Para escutar este testemunho conferir Servicio Nacional (2020).

⁴ Este espacio terapéutico del cartón, de la editoriales cartoneras... efectivamente existe no solo una terapia en términos individuales en lo que yo pueda desarrollar en recuperar mi sanidad mental e individual, sino que la terapia principal de las editoriales cartoneras es sanar una manera de desarrollar vínculos entre personas, establecer una forma diferente del producto, de lo material, de los lazos, y esto también es terapéutico, esto es un espacio de terapia social que nos permite mostrar una manera distinta (no nueva, antigua, pero recuperada) de vincularnos en el espacio societal y esto es muy bonito (Mantilla *apud* Krauss; Llera, 2023, p. 15).

⁵ Este projeto está ligado a Curupira Cartonera que existe desde 2017 na cidade de Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. Surgiu por ocasião de uma atividade do Curso de Letras que se propunha em traduzir duas obras do catálogo de Eloísa Cartonera, das quais: *Néstor Vive*, de Washington Cucurto, e *Habrá que poner la luz*, de Damián Ríos (Krauss, 2020). De lá para cá, tem-se traduzido livros de literatura hispano-americana, publicado

A Escola Municipal Isolada de Educação Básica EMIEB de Cravari, localiza-se na aldeia Cravari, pertencente ao povo *Manoki*. É uma escola pequena, constituída por apenas duas salas de aula, banheiros, cozinha e uma sala destinada à coordenação da escola. Não há um espaço exclusivo para uma biblioteca. Assim, os livros e materiais pedagógicos ficam guardados na sala da coordenação da escola. Na verdade, o material didático e os livros são pouquíssimos, constituem o material bibliográfico, sobretudo, as apostilas enviadas pela prefeitura e que são as mesmas utilizadas pelas escolas não indígenas. Embora os professores tenham se formado em uma faculdade intercultural, a Faculdade Indígena Intercultural (Faindi), da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), e escrito trabalhos de conclusão sobre a cultura *Manoki/Irantxe* (o que nos confirma que existe material escrito sobre este povo imemorial), o material educacional disponível na escola é ínfimo.

Foi pensando nesse contexto que desenvolvemos, entre 2021 e 2022, o projeto “Cartonera Indígena”,⁶ com os povos das etnias *Manoki*, *Myky*, *Paresi* e *Rikbaktsa*. Sua principal tarefa consistiu em um trabalho de recolha, transcrição, diagramação e confecção de livros em formato cartonero que servisse de material didático às escolas das aldeias dessas etnias. O desenrolar do projeto previu, também, que os conhecimentos e técnicas necessárias aos processos de elaboração, diagramação, impressão e encadernação dos livros, seriam desenvolvidas em conjunto com a comunidade da aldeia Cravari, para que, ao final do projeto *ganhasse corpo* na escola toda, a tecnologia social necessária ao desenvolvimento do processo de construção de livros, utilizando e redimensionando técnicas do livro cartonero.

poetas, fotógrafos e cozinheiras locais e organizado coletâneas de narrativas fundacionais indígenas de povos imemoriais que habitam o estado em que vivemos (Krauss, Polastrini; Gonçalves, 2023). A primeira aproximação dos povos originários que habitam o nosso Estado se deu no II Congresso de Línguas Indígenas de Mato Grosso (II CLIMT), promovido pela Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat), Câmpus Universitário “Deputado René Barbour”, na cidade de Barra do Bugres-MT, no período de 28 a 30 de novembro de 2018. A partir dessa experiência inaugural, um projeto de extensão intitulado “Cartonera Indígena”, fora idealizado e executado entre 2021 e 2022. A proposta deste projeto de extensão consistiu na criação e na organização de três polos cartoneros, sendo: um na Terra Indígena *Paresi*, em Tangará da Serra; outro na Terra Indígena *Irantxe* – localizada no município de Brasnorte, abarcando, tanto os *Manoki*, quanto os *Myky*, por conta da proximidade geográfica e cultural –, e um terceiro na Terra Indígena *Rikbaktsa*, em Juína. A ideia era, tanto organizar uma coletânea de narrativas de diferentes povos, quanto transferir a tecnologia de encadernação cartonera para essas comunidades. O trabalho resultante dessa atividade de coleta, gravação e transcrição de narrativas foram organizados em três distintos livros: *Narrativas Manoki*, *Narrativas Paresi* e *Narrativas Rikbaktsa*.

⁶ Este projeto de extensão consistiu-se pela produção de livros artesanais cartoneros a partir da recolha e transcrição de narrativas da tradição oral dos povos, *Manoki*, *Paresi* e *Rikbaktsa*, e teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat) através do Edital n. 003/2021 – extensão tecnológica. A realização do projeto contou com a participação ativa das comunidades envolvidas em todo seu percurso. Foram os bolsistas indígenas do projeto que recolheram e gravaram as históricas contadas pelos anciões. Eles participaram, também, das oficinas de diagramação e, conosco e com os professores das escolas das aldeias, organizaram as oficinas de encadernação, nas quais participaram os alunos do Ensino Médio e Fundamental.

Figura 1 – Oficina na Escola Municipal Isolada de Educação Básica EMIEB de Cravari



Fonte: Registro dos autores, 2022.

No decorrer do projeto, passamos por alguns percalços, os quais foram ocasionados, sobretudo, pela Pandemia de Covid-19, em que se impediu, muitas vezes, o nosso acesso às aldeias na forma como estava previsto no projeto original. Não conseguimos desenvolver, por exemplo, atividades com o povo Myky, por conta da distância e das dificuldades de acesso à internet. Com os demais povos, apesar das dificuldades enfrentadas, conseguimos desenvolver as etapas previstas, desde a coleta de narrativas, até mesmo, à realização de oficinas para que pudéssemos encadernar os livros cartoneros nas escolas das aldeias. Estamos seguros de que o projeto cumpriu com sua proposta fundamental, com a elaboração de três livros de narrativas, sendo um de cada povo, *Manoki*, *Paresi* e *Rikbaktsa*. Ao todo, foram encadernados mais de quinhentos exemplares, sendo a maioria destinados às escolas das aldeias, alguns exemplares para bibliotecas e outros para alunos da Faculdade Indígena Intercultural (Faindi), da Unemat.

Desde tempos imemoriais, o povo *Manoki* habita um vasto território que abrange as duas margens do rio Cravari, próximo ao local onde atualmente se localiza a cidade de Brasnorte, a Oeste do Estado de Mato Grosso. O primeiro contato com o não-indígena ocorreu por volta de 1900 e se deu com muita violência por parte dos invasores seringueiros que promoveram um verdadeiro massacre, com casas incendiadas e muitos indígenas mortos em uma aldeia às margens do córrego Tapuru, tal como registrou Rondon (1946). Em 1946, fora instalada, próximo às aldeias *Manoki*, a missão jesuítica *Utiariti*. Para lá, foram muitos jovens indígenas das etnias *Manoki*, *Paresi* e *Rikbaktsa*, com objetivo de serem catequizados pelos missionários, mas o maior legado de *Utiariti* fora a desagregação da língua materna e a transmissão de muitas doenças que só fizeram diminuir ainda mais a população indígena, de acordo com Pivetta (1993).

Fora a partir do final dos anos de 1960 e início de 1970 que a invasão do território ficou mais concentrada, especialmente por conta da política de expansão para o Oeste e pela construção da BR-364, ligando Cuiabá a Porto Velho, trazendo para aquela região, empresas agropecuárias, madeireiras, mineradoras e companhias colonizadoras. A perda populacional, o

processo de catequese, a invasão do território por seringueiros, madeireiros e colonos, impuseram aos *Manoki*, muitas perdas socioculturais e linguísticas. O modo de subsistência, a feitura das roças tradicionais, a pesca e a caça foram, também, muito afetadas. Principalmente por conta do processo de catequização, a língua materna foi sendo, aos poucos, apagada do cotidiano no povo, tanto que as narrativas que nós recolhemos já se encontram todas em língua portuguesa. Por outro lado, não faltam lideranças, anciões e professores *Manoki* engajados em reconstruir a cultura e a língua tradicionais do povo *Manoki*.

Para realizarmos o projeto com o povo *Manoki*, contamos com as valiosas contribuições da bolsista do projeto, Danielle Cristianelle Naāsi Olaizairoce, que foi a responsável por coletar as histórias narradas por Manuel Kanuxi e Maria Angélica Kamuntsi, anciões do povo *Manoki*. As narrativas contadas por eles e gravadas em áudio pela bolsista, foram transcritas por nós e depois analisadas e diagramadas em uma oficina que contou com a presença da própria Danielle Cristianelle Naāsi Olaizairoce e de demais bolsistas de outros povos. Depois de todo esse processo de coleta, transcrição e diagramação, o livro, enfim, ficou pronto para ser impresso em uma impressora comum, dessas de toner de tinta. Impressos os livros, partimos à etapa que, de fato, aproximou o fazer cartonero e a escola Cravari: a oficina de confecção de livros.

A experiência das oficinas – destacamos, aqui, a que vivemos junto com estudantes e professores *Manoki* –, evoca o modelo de experiência descrito por Benjamim (2012) em seu “O narrador”. A começar pela concepção de que as histórias contadas pelo narrador tradicional vêm de longe, de terras distantes ou, como é o caso, de um tempo distante, imemorial. Elas são transmitidas de geração em geração por meio de um processo no qual as narrativas lentamente sedimentam-se na memória dos sujeitos ouvintes que, aos poucos, se constroem enquanto sujeitos narradores. Escritas em livros cartoneros, elas passam por mudanças substanciais, pois a palavra, essencialmente falada, se transforma em algo que ocupa um corpo externo, que forma um texto escrito no papel. Mas, nessa passagem, existem as marcas de mais de um narrador. Nela, esses narradores deixam impresso um pouco de si e de todos aqueles que participam do processo de construção do livro. É um novo corpo construído, também, a muitas mãos. Neste ponto, parece-nos que a experiência que engendra o narrador benjamíniano não difere muito daquela que elabora o fazer cartonero: se a analogia entre a arte de moldar a palavra em narrativa e transmiti-la à posterioridade, e a arte praticada pelo artesão, reside na experiência compartilhada, o processo de construção do livro, também, assim o faz.

Figura 2 – Alunos e professores da Escola Municipal Isolada de Educação Básica EMIEB de Cravari



Fonte: Registro dos autores, 2022.

A contrapelo do processo de produção industrial, o livro cartonero desafia, inclusive, os padrões da reprodutibilidade técnica. O processo de confecção dos livros, sobretudo as oficinas de costura do miolo na capa, é todo elaborado a partir da síntese de experiências e que vão desde a recolha das históricas contadas pelo sujeito narrador ancião, passando pelos professores e alunos da universidade e que dominam as técnicas de produção e reprodução dos livros, até mesmo, à experiência dos sujeitos professores e alunos da escola, os quais deixam suas marcas no feitio do livro e na pintura das capas.

Nossa experiência conjunta com o povo *Manoki*, tal como dissemos, veio desde o processo de coleta das histórias que compuseram o livro *Narrativas Manoki*. Contudo, vale a pena registrar, mais pormenorizadamente, as práticas vividas na escola da Aldeia *Cravari*. Nossa ida à aldeia *Cravari* se deu em meados de setembro de 2022. Partimos de ônibus, saindo da cidade de Tangará da Serra e, após passar pela cidade de Campo Novo do Parecis,⁷ descemos em uma localidade chamada Curva do Breque. De lá até à aldeia, o esposo de nossa bolsista nos levou de carro até à aldeia. Exceto pelo trecho de subida da Serra dos Parecis, ao trajeto percorrido de ônibus se destaca pela monotonia das terras destinadas à agricultura. É de cansar a vista o marasmo do chapadão repleto de lavouras de soja e algodão. A partir da Curva do Breque, na direção da aldeia *Cravari*, aos poucos, a paisagem muda, as lavouras escasseiam até que, de repente, vimos o início da terra indígena do povo *Manoki*. A mudança é sensível na paisagem e na sensação térmica. O caminho à aldeia é de uma vegetação abundante e de

⁷ Embora o povo se autodenomine *Paresi*, com “S”, no nome da cidade o termo “Parecis” aparece grafado com “C”.

um bioma que mescla o Cerrado com a Amazônia. Há muita vida e diversidade ambiental ao redor e a sensação térmica diminui, consideravelmente, alguns graus célsius.

Ao chegar na aldeia, logo reconhecemos os professores Edvaldo, Claudionor e Adelson, os quais foram nossos alunos na Faculdade Indígena Intercultural (Faindi), da Unemat. Depois de conversar com os professores e com a nossa bolsista, fomos direto à casa dela, e ficamos hospedados em uma casa recém terminada ao lado da sua. Em setembro, o clima nas cidades mato-grossenses é muito seco e quente, mesmo à noite. Mas, na aldeia, cercada de uma vegetação de transição entre o cerrado e a Amazônia, o clima noturno é bem mais frio, sendo até úmido e agradável.

No dia seguinte nos reunimos com os professores e os estudantes para fazermos nosso primeiro dia de oficina. Pareceu-nos que os estudantes nos olhavam com certo ceticismo, afinal: *como faríamos livros com aquele monte de papelão, folhas impressas, estiletes, lápis de cor, agulhas, fios e tinta guache?* Aos poucos, fomos explicando como seria o processo de confecção dos livros, montamos estações de corte do papelão, dobradura do miolo, costura do miolo na capa e – a mais visada –, pintura das capas. Nesse momento, os estudantes do Ensino Fundamental I, que a princípio não participaram das oficinas, uniram-se aos demais, porque queriam participar, também, daquele momento lúdico e, de certa forma, espontâneo, pois não fora solicitado nenhum tipo de padrão de pintura e/ou desenho à confecção das capas.

É neste ponto que nos damos conta, como dissemos anteriormente, que o fazer cartonero na Escola da Aldeia *Cravari* desafia o processo de reproduzibilidade técnica presente na impressão mecânica do miolo dos livros. Os livros ganham corpo e forma na medida em que os corpos dos estudantes, dos professores e de algumas mães, as quais entraram, também, nas oficinas, os modelam e os fazem manualmente. A confecção de manual de artigos de uso pessoal ou de caça e pesca, presente na cultura dos povos originários, pode facilmente explicar o porquê do envolvimento de todos aqueles sujeitos em torno da elaboração dos livros, mas não explica o contentamento estampado nos rostos de estudantes, professores e mães, talvez porque aqueles livros que estiveram manuseando fossem, não somente em seu conteúdo, mas talvez em sua forma, uma narrativa de suas histórias de vida, atrelada visceralmente a tudo o que é artesanal.

Por fim, no último dia de nossas atividades na aldeia *Cravari*, foram terminadas as pinturas das capas e contados os livros encadernados que chegaram a cento e vinte exemplares, alguns sem a capa de papelão, porque faltou material e não havia como conseguir mais. Chamou nossa atenção o fato de todos os exemplares, levados à escola, terem sido encapados, mesmo que em uma folha de papel A4. Enfim, tendo terminado as atividades fizemos uma foto final com os estudantes, professores e mães, todos segurando exemplares dos livros encadernados. Agora o olhar não era mais de ceticismo, mas sim, de reconhecimento e de autorreconhecimento no trabalho feito a várias mãos, vozes, escritas e corpos costurados entre si e sustentando-se mutuamente.

Referências

- ALTHUSSER, Lois. A corrente subterrânea do materialismo do encontro. *Crítica Marxista*, Rio de Janeiro, Ed. Revan, v. 1, n. 20, p. 9-48, 2005. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/view/19565>. Acesso em: 3 jan. 2025.

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3^a. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012. p. 197-221.
- CANCLINI, Néstor García. *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 1988.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CUSTODIO, Regiane Cristina. *Memórias da migração, memórias da profissão: narrativas de professores sobre suas vivências nas décadas de 1960 a 1980 (Tangará da Serra – MT)*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História (PPCHis), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102317/000933536.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 jan. 2025.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DOLTO, Françoise. *La imagen inconsciente del cuerpo*. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- KOPENAWA, Davi; ALBERTI, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRAUSS, Flavia. *Las cartoneras: um devir editorial latino-americano*. Moldávia: Generis Publishing, 2024.
- KRAUSS, Flavia. O Acontecimento Eloísa Cartonera: memória e identificações. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2016.tde-20122016-140926>.
- KRAUSS, Flavia.; LLERA, Víctoria. Literatura cartonera: la confección libresca como escritura de una comunidad. *Caracol*, São Paulo, Brasil, n. 26, p. 41–70, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9651.i26p41-70>.
- KRAUSS, Flavia; POLASTRINI, Leandro; GONÇALVES, Maryssol. A Língua Espanhola e o fazer cartonero no PIBID: plataforma para a pluralidade de vozes. In: BRANDÃO, Ana Carolina; SOUSA, Shirlene (orgs.). *O PIBID na UNEMAT: relatos e reflexões de formadores, professores e licenciandos*. V. 1. Cáceres: Editora da UNEMAT, 2023.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro XXIII: o sinthoma, de Jacques Lacan*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. O simbólico, o imaginário e o real. In: LACAN, Jacques. *Nomes-do-pai*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 9-53.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. 1. ed. São Paulo: Cosac Nayf, 2018. p. 183-314.
- PECHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.
- PIMENTEL, Ary. Editoras cartoneras e a literatura fora do cânone: um olhar crítico para as margens do mundo editorial. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 62, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/37421>. Acesso em: 5 jan. 2025.

PIVETTA, Darci L. *Processo de ocupação das dilatadas chapadas da Amazônia Meridional: Iranxe - educação etnocida e desterritorialização*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá: UFMT, 1993.

POMMIER, Gérard. *Nacimiento y renacimiento de la escritura*. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Nueva Visión, 1996.

RIOLFI, Claudia Rosa. Ensinar a escrever: considerações sobre a especificidade do trabalho da escrita. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, v.21, n. 40, p. 47-51, mar. 2003. Disponível em: <https://edubase.sbu.unicamp.br/items/78b38185-a49b-41b6-a2e1-df2a72125519>. Acesso em: 15 fev. 2025.

RODRIGUES, Fernanda. *Língua Viva, Letra Morta: obrigatoriedade e ensino de espanhol no arquivo jurídico e legislativo brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Humanitas, 2012.

RONDON, Cândido. Mariano da Silva. Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e São Paulo: Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas, Rio de Janeiro: Comissão Rondon, 1946. (Publicação n. 68). A 2a. edição, publicada pela Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

RUIZ, Alfredo Chinchay. *Editoriales Cartoneras: entre la revolución y la atracción*. In: *Ruiz Chinchay, Editoriales Cartoneras* - Olga Cartonera, 2022.

SCHIERLOH, Eric. *La escritura aumentada*. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2021.

SERVICIO NACIONAL. 8º Encuentro internacional de *Editoriales Cartoneras Virtual* (día 2). YouTube, 28 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7lY1wOeVdyw>. Acesso: 29 set. 2025.